

## Figueira da Foz

### País precisa de “Justiça que funcione” e de “menos burocracia”

**CONFERÊNCIA** Carlos Silva, secretário-geral da União Geral Trabalhadores (UGT) foi o convidado do ciclo de conferências “Utopia Século XXI”, uma parceria entre o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (ISCAC) e o Casino da Figueira.

Perante uma plateia interessada, Carlos Silva confessou que «discutir sindicalismo e chagas sociais num Casino foi coisa que nunca me passou pela cabeça», mas traçou a sua visão do sindicalismo, afirmando que «os sindicatos têm sido sempre vítimas de quem governa, quer à esquerda quer à direita». Apontou as dificuldades de relacionamento entre “centrais”, recordando que a UGT nasceu contra a unicidade sindical criada no PREC. «Ainda espero ver os trabalhadores de mão dada com os seus sindicatos a lutar pelos seus interesses», disse.

O sindicalista não poupou críticas à troika. «Fizeram-nos cobaias, o Governo permitiu-o e esqueceram que não se podem aplicar “chapas” iguais a todos os países, pois as realidades são diferentes», disse. «Nunca defendemos renegociar a dívida, mas sim renegociar os juros», salientou, apontado as grandes preocupações da central que lidera: «precisamos de emprego, há que articular a oferta e a procura, fala-se muito em empreendedo-



**Carlos Silva**, líder da UGT, foi o orador convidado

rismo, mas esquecem-se que a banca é agiota». Disse ainda que «o poder democrático foi abocanhado pelo poder financeiro», revelou a seu desejo de «um país solidário» e, para o pós-resgate, «se sairmos limpos ou cautelados, queremos uma certeza: não penalizem mais os portugueses», pediu.

O sindicalista revelou, na oportunidade, um conjunto de números, como o facto de «só 20% dos trabalhadores serem sindicalizados». Fez notar, que o sistema da Segurança Social é «totalmente custeado pelos trabalhadores e empresários», pois «o Estado não põe um tostão na Segurança Social».

Referência, ainda, para a restauração, que «perdeu 100 mil empregos». «Existem 650 mil à procura de emprego, 160 mil em estágios e um sem número de jovens a procurar a emigração», adiantou, sublinhando que Portugal precisa essencialmente que a «Justiça funcione», «que exista previsibilidade fiscal» e, sobretudo, «menos burocracia». R.N.